

Globethics Repository



A escola moderna é controladora [Modern school is controlling]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-12 14:23:30
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/161229

A escola moderna é controladora

A partir das reflexões foucaultianas, Alfredo Veiga-Neto diz que, enquanto a escola disciplinar prepara sujeitos dóceis e obedientes, a escola controladora forma indivíduos flexíveis e estratégicos

POR MÁRCIA JUNGES E PATRICIA FACHIN

“Com Foucault, podemos compreender, de maneira bastante original e detalhada, os processos ou práticas de disciplina-mento e controle que a escola moderna vem, há mais de 200 ou 300 anos, colocando em funcionamento”, aponta Alfredo Veiga-Neto, professor da Universidade Luterana do Brasil (ULbra), em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Segundo ele, Foucault, “mais do que ninguém, descreveu e mostrou o quanto, na modernidade, as escolas funcionam como as prisões, os hospitais, os quartéis, os asilos, as fábricas”, implantando a lógica disciplinar. Ao projetar mudanças na estrutura educacional, o pesquisador é enfático e afirma que não adianta sanar os problemas “a partir de instrumentos que não deram certo”. Trata-se sim, explica, “de pensar de outro modo”, como propôs o pensador francês. Pensar em mudanças “não se trata de ser contra a modernidade, mas de pensar para além dela”, considera.

Doutor em Educação e autor da tese *A ordem das disciplinas*, Veiga-Neto é professor convidado do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde coordena o Projeto de Pesquisa Dispositivos Disciplinares e Educação. De sua produção intelectual, destacamos as seguintes obras, por ele organizadas: *Crítica pos-estruturalista y educación* (Barcelona: Laertes, 1997), *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzscheanas* (Rio de Janeiro: DP&A, 2002) e *Foucault & a educação* (Belo Horizonte: Autêntica, 2005).



Divulgação

IHU On-Line - Em que medida o pensamento de Foucault¹ é útil para

¹ Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder e não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em duas edições a **IHU On-Line** dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, e edição 203, de 06-11-2006, ambas disponíveis para *download* na página do IHU. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Es-

“Michel Foucault notabilizou-se por ter se dedicado intensamente a pensar o presente, procurando traçar o que ele mesmo denominou ‘uma história do presente’”

compreendermos a educação? De que forma suas teorias ajudam a repensar os métodos educacionais?

Alfredo Veiga-Neto - Michel Foucault notabilizou-se por ter se dedicado intensamente a pensar o presente, procurando traçar o que ele mesmo denominou “uma história do presente”. Investigando a história das formas de

todos sobre Michel Foucault, que também foi tema da edição número 13 dos *Cadernos IHU em formação*. (Nota da **IHU On-Line**)

pensamento e algumas práticas sociais ao longo da história do mundo ocidental, ele acabou por nos oferecer ferramentas analíticas extremamente úteis para compreendermos principalmente tanto a “fabricação” do sujeito moderno quanto para entendermos melhor a própria modernidade e a contemporaneidade. Na medida em que a escola foi e continua sendo a principal instituição envolvida com aquela fabricação, o pensamento de Foucault parece

mais atual do que nunca.

IHU On-Line - O que os estudos de Foucault acerca do poder disciplinar, do biopoder, da biopolítica e da constituição do sujeito moderno revelam sobre as instituições de ensino?

Alfredo Veiga-Neto - Essa pergunta merece uma resposta muito longa. Dado que essa é apenas uma entrevista, tentarei ser sintético. Com Foucault, podemos compreender, de maneira bastante original e detalhada, os processos ou práticas de disciplinamento e controle que a escola moderna vem, há mais de 200 ou 300 anos, colocando em funcionamento. O resultado de tais processos ou práticas é justamente a instituição de um tipo de indivíduos aos quais chamamos de “sujeito moderno”. Foucault, mais do que ninguém, descreveu e mostrou o quanto, na modernidade, as escolas funcionam como as prisões, os hospitais, os quartéis, os asilos, as fábricas. O que une todas essas instituições é, justamente, a lógica disciplinar que elas colocam em funcionamento.

IHU On-Line - Em que sentido as teorias de Foucault sobre a transformação das sociedades contemporâneas em sociedades de controle se refletem na realidade escolar?

Alfredo Veiga-Neto - Michel Foucault não desenvolveu propriamente teorias sobre a sociedade contemporânea. Ele, de fato usou a expressão “sociedade de controle” para diferenciar a sociedade européia dos anos 1970 e 1980 em relação a um tipo de sociedade que parecia estar desaparecendo e que, até então, havia sido pautada pela lógica disciplinar (e que, por isso, ele chamava de sociedade disciplinar). Foi Gilles Deleuze² que, a partir da expressão criada por Foucault, nos ofereceu valiosas (porém sucintas) elaborações acerca dos mecanismos

de controle nas sociedades contemporâneas.

IHU On-Line - Que tipos de sujeitos a educação escolar atual está criando?
Alfredo Veiga-Neto - Essa pergunta exige uma resposta longa demais. Serei sintético (e, desse modo, serei perigosamente superficial).

A partir de alguns *insights* foucaultianos bastante interessantes, tenho argumentado – junto com alunos e colegas de meu grupo de pesquisa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na Universidade Luterana do Brasil – que, enquanto uma escola disciplinar prepara, entre outras coisas,

**“A disciplina parece
ceder, cada vez mais, o
lugar para o controle.
Assim, o que a escola
contemporânea parece
estar fazendo
aceleradamente é
produzir sujeitos
flexíveis”**

sujeitos dóceis/obedientes (o que foi amplamente demonstrado por Foucault), uma escola controladora prepara sujeitos flexíveis/estratégicos. O sujeito dócil, justamente por ser disciplinado, tende a seguir sempre determinados padrões que foram previamente “impressos em sua alma”; uma vez dobrado, ele permanece assim por longos períodos, até ser submetido a outras práticas disciplinares. O sujeito flexível, por não ser disciplinado, é capaz de mudar continuamente seu comportamento, suas ações e reações, adaptar-se estrategicamente a situações diferentes e inesperadas; ele é capaz de dobrar para, logo depois,

voltar à situação anterior.

IHU On-Line - Em que medida a “disciplina” referida por Foucault é construtiva e ofensiva para o exercício do discurso?

Alfredo Veiga-Neto - A disciplina, na maneira como é entendida por Foucault, nada tem de ofensiva! Ela é produtiva, isto é, produz determinadas subjetividades, determinados tipos de interações sociais, seja para o bem seja para o mal. O problema, se existe e quando existe, não está propriamente na disciplina, mas no grau em que ela é experienciada e naquilo que se faz a partir dela.

IHU On-Line - O senhor diz que a escola moderna funcionou nos últimos quatro séculos como uma grande máquina de fabricar sujeitos disciplinares. Essa continuará sendo a tendência da educação do futuro?

Alfredo Veiga-Neto - O quanto e por quanto tempo continuarão a vigorar práticas disciplinares efetivas é uma questão de futurologia e, por isso mesmo, uma questão de difícil resposta. Mas o que se sabe é que a disciplina parece ceder, cada vez mais, o lugar para o controle. Assim, o que a escola contemporânea parece estar fazendo aceleradamente é produzir sujeitos flexíveis.

IHU On-Line - Quais suas considerações em relação à frase de Foucault: “Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”?

Alfredo Veiga-Neto - Essa é uma frase bem conhecida e comentada. Ela é auto-explicativa. São evidentes as conexões entre educação, discursos, saber-poder e política. O pensamento de Foucault nos ajuda a transitarmos entre tais conceitos, operarmos produtivamente com eles e a partir deles.

IHU On-Line - Em outra entrevista à IHU On-Line, o senhor afirma que a crise na educação é a manifestação de uma crise maior, de esgotamento de valores. Percebe, na modernidade, alternativas para sanar esse pro-

² Gilles Deleuze (1925-1995), filósofo francês. Deleuze, assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson e Nietzsche e Espinosa poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou idéias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outras. (Nota da IHU On-Line)

blema? Em que sentido os educadores podem trabalhar para mudar esse cenário?

Alfredo Veiga-Neto - O que chamamos de crise da modernidade corresponde ao incremento da sensação de imprevisibilidade sobre o futuro, o que está correlacionado com a dificuldade que temos para fazer o futuro “obedecer” aos nossos planos, previsões e desejos. A sensação de crise aumenta na medida em que aumenta o diferencial entre o que queremos para o futuro (imediato, mediato ou remoto) e aquilo que de fato acaba ocorrendo.

Como sabemos, a modernidade pode ser definida, dentre outras maneiras, como o período da História ocidental em que mais se planejou um tipo de vida e de sociedade e mais se acreditou que tal planejamento se efetivaria. Ora, vários sociólogos, filósofos, antropólogos, artistas, literatos, historiadores, pedagogos etc. têm nos mostrado o quanto isso não se realizou ou só se realizou parcial e localizadamente.

Não se trata, portanto, de sanar um problema a partir de instrumentos que não deram certo como queríamos que tivessem dado: trata-se, sim, de tentar, como disse Foucault, “pensar de outro modo”. Isso significa, partir de outras bases filosóficas e metodológicas, mas sem esquecer o que se ganhou na modernidade. Não se trata de ser contra a modernidade, mas de pensar para além dela. Esse pensar de outro modo não significa, portanto, simplesmente abandonar o passado. Bem ao contrário, a tarefa que se coloca é bastante complexa e difícil: tentar pensar radicalmente de outro modo, mas sem esquecer a História. Foucault não é o único capaz de nos ajudar nessa tarefa. Mas é um dos mais vigorosos e importantes.

LEIA MAIS...

>> Veiga-Neto já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Elas estão disponíveis na nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu.

Entrevistas:

* *Repensando a educação a partir de Michel Foucault*. Edição n 203, Michel Foucault, 80 anos, de 06-11-2006;

* *“Educação e crise são, respectivamente, causa e consequência uma da outra”*. Notícias do Dia, de 28-01-2008.

Inclusão excludente

Todos têm direito à educação e trabalho, mas o ensino brasileiro ainda é disponibilizado de forma diferenciada, seguindo parâmetros de classe, o que interfere diretamente na carreira profissional

POR MÁRCIA JUNGES E PATRICIA FACHIN

“**A** inclusão excludente” é a lógica que rege as relações entre trabalho e educação, aponta a pesquisadora Acácia Zeneida Kuenzer, da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Na entrevista que segue, concedida por e-mail à IHU On-Line, ela explica que nas sociedades capitalistas, ao contrário do que indica o discurso pedagógico dominante, a dualidade estrutural existente entre ambas as áreas está se aprofundando cada vez mais. Isso ocorre “a partir da relação que se estabelece entre o mercado, que exclui a força de trabalho formal para incluí-la de novo através de diferentes formas de uso precário ao longo das cadeias produtivas, e um sistema de educação e formação profissional, que inclui para excluir ao longo do processo, seja pela expulsão ou pela precarização dos processos pedagógicos que conduzem a uma certificação desqualificada”, argumenta.

Professora aposentada da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Acácia Zeneida Kuenzer é doutora em Educação, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e atua no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR. Ela é autora, entre outros, dos seguintes livros *Pedagogia da fábrica* (São Paulo: Cortez, 1985), *Diagnóstico da formação profissional* (São Paulo: Artechip Editora, 1999) e *Ensino médio e profissional: as políticas do Estado neoliberal* (4. ed. São Paulo: Cortez, 2007).

IHU On-Line - O que é a pedagogia do trabalho?

Acácia Zeneida Kuenzer - A Pedagogia do Trabalho toma por objeto os estudos das relações pedagógicas que se desenvolvem no âmbito das relações sociais e produtivas, ou seja, nos espaços escolares, de trabalho e sociais. Sua base epistemológica é o materialismo histórico, e suas categorias de análise se constituem a partir do método da economia política, tal como sistematizado por Marx em sua obra.

Suas principais referências são Marx e Gramsci,¹ que articulam a

produção das idéias à materialidade de que lhes dá origem. Assim é que infra-estrutura e superestrutura se articulam na concepção de princípio educativo, compreendido como os processos pedagógicos que respondem às necessidades de formação dos trabalhadores materiais e intelectuais demandados por cada fase de desenvolvimento das forças produtivas.

Do ponto de vista epistemológico, concebe o conhecimento como a re-criação, ou seja, a reprodução no pensamento, através da atividade humana, da realidade, das coisas, dos processos, dos fenômenos, em decorrência do que adquirem significado. Esta re-criação da realidade no

(Nota da IHU On-Line)